

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Movimentos

Class.: 15

Data: 03.10.77

Pg.: _____

O futuro incerto dos araras

A Funai procura os Araras, mas eles reagem ao contato com os sertanistas

Jaime Sautchuk

Há menos de quinze dias, os índios Araras, hoje situados na margem Sul da rodovia Transamazônica, entre as cidades de Altamira e Itaituba praticaram mais um de seus ataques, ferindo um funcionário da Fundação Nacional do Índio (Funai), que trabalha na região. Pouco antes, segundo relatório enviado à presidência da Funai pela delegacia do órgão em Belém, índios desta tribo haviam sido mortos por "alguns elementos", por volta do quilômetro 180 da Transamazônica.

Desde que foram iniciadas as obras daquela rodovia, a Funai tenta manter contatos com os Araras. Uma frente de atração, chefiada pelo sertanista Afonso Alves da Cruz, foi formada e iniciou seus trabalhos em 1970, percorrendo a região de um lado para o outro, tentando contactar os Araras, sem que, contudo, conseguisse resultados positivos. Os índios não querem o contato. E têm seus motivos.

Na década de 50, resolveu-se por bem construir uma estrada entre Altamira e Santarém, no Pará. A certa altura da inacabada obra, os construtores toparam, segundo contam funcionários da Funai, com os Araras. Se utilizando da técnica convencional de atração, eles deixaram comidas para que os índios apanhassem (o que normalmente ocorre, para iniciar um processo chamado de "namoro", na linguagem dos sertanistas). Ocorre que a comida era envenenada, causando a morte de muitos índios.

Segundo o antropólogo Expedito Arnaud, do Museu Goeldi, de Belém, os Araras começaram a chegar na região do baixo Xingu e médio Tocantins em meados do século passado. Consta que, por volta de 1910, eles foram utilizados por seringalistas em missões punitivas contra outras tribos e, naquela época, teriam passado por experiências desagradáveis em seus contatos com o branco.

Vem destes dois episódios, especialmente o mais recente, o temor dos Araras pelos *cara-pálidas* que hoje controlam sua região. Até algumas décadas atrás, os Araras habitavam a região que hoje fica ao norte da Transamazônica, da cabeceira do rio Jarauçu para cima. Com a ocupação daquelas terras por fazendas, eles acabaram tendo que iniciar um processo de locomoção, que os transformou em grupo nômade (embora antropólogos da Funai acreditem que este nomadismo possa ser antigo).

OS ÍNDIOS NÃO GOSTAM DE PRESENTES

Nos últimos anos, estes índios foram apossados de tal maneira que se viram forçados a descer rumo Sul, atravessando a Transamazônica e acabando por se situar, nos dias de hoje, segundo a Funai, entre os quilômetros 70 e 130 da Transamazônica. Em toda a região eles são temidos não só pelo branco que, cada vez em maior número, se achega à região, mas também por outras tribos indígenas. Os Araras sabem que o contato com o branco não é bom e, por isso, nos últimos anos, sempre que toparam com os "invasores" eles não hesitam em se utilizar da violência, o único meio de defesa de que dispõem.

Já em 1970, a frente chefiada por Afonso Alves os havia avistado. Segundo relato feito à época, os Araras são altos, cabelos longos mas com uma abóbora raspada na cabeça e usam tanga. Eles nunca apanharam os brinde deixados pela equipe da Funai, chegando mesmo a quebrar os presentes, em algumas ocasiões, deixando-os no mesmo local.

Em relatório enviado ao Departamento Geral de Operações da Funai em seis de julho último, o sertanista alertava para a necessidade de aumentar o número de componentes da sua equipe de oito para, pelo menos, quinze. O sertanista deu vários motivos, mas o principal era o de que ele pressentia haver sério risco de serem atacados pelos índios, ao passo que, se houvesse mais gente na equipe de atração, os Araras não atacariam facilmente. Não havia nada de novo no pedido, pois esta é uma tática utilizada com frequência pelos sertanistas.

A Funai, no entanto, principalmente por uma questão de aplicação das verbas de que dispõe, não autorizou o aumento da equipe. Dois meses depois houve o ataque contra ela. É que agora, mais do que nunca, os Araras estão sendo apossados pelos colonizadores da Amazônia. Em julho começaram a ser transferidos para a região pequenos proprietários de terras do Rio Grande do Sul, que para lá são levados pela Cooperativa Triticola Serrana Ltda. (Cotrijuí). O programa prevê a transferência de dez mil famílias para a região, ocupando quatrocentos mil hectares de terras. (ver Movimento nº 98)

AGORA, A VEZ DE ORLANDO VILLAS-BOAS

Levantam-se, então, duas perguntas. Por que os Araras representam um problema hoje? E por que eles se defrontam com tantos problemas? A origem de toda a questão está na própria estratégia do governo para a ocupação da Amazônia, à qual a Funai está subordinada. No momento, a solução seria a de interdição de toda a área dentro da qual perambulam os Araras, mas a Funai, pretende interditar apenas o trecho entre os quilômetros 112 e 120 da Transamazônica, até o rio Iriri, o que representa, no máximo, um quinto das terras ocupadas pelos índios, segundo os dados da própria Funai. E mesmo assim, a interdição deste pedaço de terra ainda não passou de uma simples proposta.

Embora o sertanista Afonso Alves conheça a região, a Funai resolveu dar a chefia da nova frente de atração a Orlando Villas Boas. Foi ele e seu irmão, Cláudio, que contactaram, há dez anos, os índios Txicão, hoje fixados na parte Norte do Parque do Xingu. Estes índios, segundo os antropólogos, são da mesma família dos Araras. Alguns deles, aliás, serão utilizados pela nova equipe de atração, para servirem de intérpretes.

Mas, agora, restam aos Araras apenas duas opções. Uma é continuar resistindo ao contato com o branco e procurar sobreviver entre o fogo-cerrado a que estão submetidos. E a outra é aceitar o contato e esperar por uma possível transferência para o Parque do Xingu. Há aí, claramente, um impasse, que levou um técnico do governo a afirmar, na semana passada, que "o sistema capitalista não oferece solução à questão do índio".

Pode-se prever que o destino dos Araras será o mesmo dos Kreen-Akãrore, que viviam pouco abaixo, também não muito longe do Parque do Xingu e foram contactados em 1973, pelos irmãos Villas Boas. Em pouco tempo, os Kreen-Akãrore foram sendo dizimados por epidemias e pelo seu desorientado contato com o branco. Um ano após o primeiro contato, o jornal *O Globo* publicava ampla reportagem, com foto de primeira página, mostrando os Kreen-Akãrore tentando apanhar carona na BR-165 (Cuiabá-Santarém) pra ir a Cuiabá.



Os Kreen-Akãrore foram, tempos depois, e já em número bem reduzido, transferidos para o Parque do Xingu, onde ainda vivem. Os Araras, porém, poderão continuar resistindo, como ocorre, por exemplo, com os Waimiri-Atroari, que habitam na região do rio Alalaú, próximo à rodovia Manaus-Caracarái. Desde 1950, estes índios praticaram, pelo menos, 16 massacres, o último dos quais ocorreu no ano passado e o mais famoso em 1968, que dizimou a expedição do Padre Calleri.

Ocorre, porém, que os Araras não chegam a cem pessoas, segundo as estimativas da Funai, enquanto os Waimiri-Atroari podem chegar a seis mil. Não se tem notícia recente de que algum Waimiri-Atroari tenha sido apanhado de surpresa e liquidado pelos brancos, como os Araras já o foram. Em contrapartida, segundo o sertanista Afonso Alves, os Araras assimilaram técnicas de luta. Por exemplo, para atingir suas vítimas no último ataque, eles ficaram atocaiados em trincheiras.

Acima de tudo, os Araras, se defrontam hoje com a hostilidade dos colonos levados à região pelo Incria e, agora, pela Cotrijuí. Da maneira que as terras da região estão sendo ocupadas, logo eles não terão outra opção para conseguir alimentação que não a de saquear as roças e até mesmo as casas dos novos habitantes, como faziam os Avá-Canceiro, contactados em 1974, em Goiás pela equipe do sertanista Apoena Meirelles. Dos Avá só resta um sobrevivente, o que só serve como mais um exemplo, à Funai, de como não se deve lidar com o índio.